



Afonso do Paço (Arquivo OVF/JLC)

Manuel Afonso do Paço

**Outeiro (Viana do Castelo): 30 de
novembro de 1895**

Lisboa: 29 de outubro de 1968

Foi como oficial do Exército que Afonso do Paço assegurou ao longo da sua vida o seu sustento e o de sua Família, tendo-se reformado no posto de Tenente-Coronel do Exército. Na Grande Guerra de 1914/1918 participou, como oficial miliciano, na Batalha de La Lys, a 9 de Abril de 1918, integrado no 4.º Grupo de Metralhadoras Pesadas; aprisionado pelos Alemães, regressou a Portugal a 16 de Janeiro de 1919. Da sua heróica acção em campanha falam as condecorações que possuía, com destaque para uma Cruz de Guerra de 2.ª Classe, duas “fourragères” da Cruz de Guerra e a medalha da Victória.

Tendo ingressado em 1924 na Arma de Administração Militar, ali desempenhou funções ao longo de toda a sua produtiva vida científica, para o que teria concorrido o pouco exigente serviço oficial de que estava incumbido.

Afonso do Paço optou, pois, por uma carreira militar relativamente apagada, em prol da disponibilidade que tal situação lhe facultava para desenvolver estudos na sua área de eleição, a Arqueologia. O início da sua actividade científica centrou-se no estudo das estações paleolíticas e epipaleolíticas do litoral da sua província natal, domínio de estudos que continuou a tratar ao longo dos anos. O convívio com o Padre Eugénio Jalhay, também estudioso daquela temática minhota, permitiu-lhe alargar rapidamente os horizontes da sua investigação. Com ele partilhou a escavação do povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro, iniciada por ambos em 1937 até ao falecimento de Jalhay, em 1950 e depois prosseguida apenas por Afonso do Paço, até ao ano do seu falecimento, em 1968. Para os jovens arqueólogos do século XXI é difícil sequer imaginar as dificuldades que tiveram de enfrentar, relatadas pelo próprio, com magros apoios, e escasso ou nulo reconhecimento por parte das autoridades oficiais, para quem a investigação daquele morro pré-histórico jamais foi reconhecida como relevante (até hoje). E, no entanto, os extraordinários resultados logo publicitados a nível internacional, fizeram com que acessem às escavações os mais importantes pré-historiadores da época, reconhecendo-lhe a sua evidente relevância científica.

Com Jalhay estudava e publicava, ao mesmo tempo, entre outras estações pré-históricas, a necrópole de grutas artificiais de Alapraia (Cascais), de que viria a lume em 1941 primorosa monografia dedicada à Gruta II, consolidando as excelentes relações de cooperação mantidas ao longo dos anos com o município cascalense, consubstanciadas em outras publicações. Com diversos companheiros desenvolveu, então, profícua colaboração como é o caso de Octávio da Veiga Ferreira, Georges Zbyszewski, Fausto de Figueiredo, Maria de Lurdes Costa Arthur (uma arqueóloga injustamente esquecida), Maria de Lurdes Bártholo, Edward Sangmeister, João de Lemos, Joaquim Bação Leal, Abel Viana, Leonel Trindade, Hermanfrid Schubart, Hipólito Cabaço, Fernando Nunes Ribeiro, Lyster Franco, José Farrajota, Fernando de Almeida, Maxime Vaultier e Leonel Ribeiro, entre muitos outros. Com tais colaborações foi-lhe possível meter ombros a trabalhos de campo de assinalável envergadura, como a escavação da *villa* romana de Cardílio (Torres Novas), ou o Castelo da Lousa, outra notável estação romana do concelho de Mourão. Com Leonel Ribeiro e Eugénio Jalhay explorou e publicou o povoado pré-histórico de Montes Claros (Lisboa), bem como as grutas artificiais de São Pedro do Estoril, em 1944, as quais só viriam a ser publicadas, conjuntamente com Vera Leisner, vinte anos depois, mercê das condições oferecidas pela Fundação C. Gulbenkian. Nessa fase das suas investigações evidencia-se o fulgor do arqueólogo, numa actividade multifacetada, desde a cartografia arqueológica – cuja importância foi o primeiro a reconhecer – à publicação de descobertas de excepcional importância, por vezes fortuitas, como é o caso das braceletes de ouro da Idade do Bronze de Atougua da Baleia, ou a espada de época epicampaniforme de Pinhal dos Melos. Nalguns destes estudos foi concretizada importante de colaboração multidisciplinar, desde as faunas arqueológicas à paleobotânica, passando pela arqueometalurgia, denotando a sua singular capacidade de concretizar a prática Arqueologia numa perspectiva então inovadora. A escavação do campo da batalha de Aljubarrota, em 1959 e 1960 evidencia também a visão polifacetada com que entendia o trabalho arqueológico, neste caso procurando confirmar as fontes históricas sobre o espaço e condições em que decorreu aquela batalha decisiva, objectivo plenamente conseguido. Entretanto, com Eugénio Jalhay iniciou em 1944 um outro grande projecto, a escavação da Citânia de Sanfins, prosseguido apenas por si, sem desfalecimentos, até ao final dos seus dias, já atingido pela terrível maleita que o viria vitimar, a par de muitos outros trabalhos arqueológicos, num exemplo raro de dedicação e de coragem e, o que é mais importante, de produtivo labor, através da sua monumental bibliografia, assim se eternizando a importância dos contributos que se lhe ficaram a dever, para benefício dos vindouros.

Para saber mais sobre Afonso do Paço:

CARDOSO, J. L. & RIBEIRO, M. (2013) – Afonso do Paço e as escavações de Vila Nova de São Pedro (1937-1967): os contributos científicos possíveis e sua projecção internacional. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 755-770.

FERREIRA, O. da Veiga (1970) – Tenente-Coronel Manuel Afonso do Paço (1895-1968). I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969). Actas: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. 2, p. 9-35.

RIBEIRO, M. & CARDOSO, J. L. (2013) – Três décadas de escavações em Vila Nova de São Pedro (1937-1967). *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 39-47.